

Prefácio

A educação bilíngue deixou de ser, no Brasil, um fenômeno marginal ou associado a nichos sociais restritos. Nas últimas duas décadas, ela se consolidou como um dos eixos mais dinâmicos da educação básica, com impactos que se fazem sentir tanto em redes privadas quanto em iniciativas públicas municipais e estaduais. Essa expansão rápida, porém, tem vindo acompanhada de uma diversidade de propostas, arranjos pedagógicos e, não raras vezes, equívocos conceituais que confundem famílias, professores e gestores.

No plano internacional, já se discutem há décadas as distinções entre programas de manutenção, de transição e de enriquecimento, bem como os desafios de se compreender a educação bilíngue não como uma fórmula única, mas como um conjunto de práticas diversas que dependem de contextos sociolinguísticos, políticos e culturais. Essa variedade conceitual, que em outros contextos pode enriquecer o debate, acabou no Brasil por gerar também um uso indiscriminado do termo *educação bilíngue*, frequentemente associado a propostas muito distintas em alcance e qualidade.

No Brasil, esse debate ainda é recente e atravessado por tensões próprias: a falta de regulamentação clara, o crescimento do mercado educacional e o entusiasmo de famílias e escolas em busca de prestígio e inovação. Soma-se a isso uma dicotomia persistente entre pedagogia e linguística, áreas que muitas vezes não dialogam de forma produtiva, o que resulta em distorções na concepção de modelos, na definição de objetivos de ensino e, em última instância, no próprio processo de aprendizagem dos alunos. Essa falta de articulação é particularmente sensível em programas bilíngues, em que as escolhas pedagógicas só se tornam consistentes quando ancoradas em uma compreensão profunda dos fenômenos linguísticos que estruturam o bilinguismo. Não surpreende, portanto, que a própria expressão “educação bilíngue” tenha passado a ser empregada de forma tão ampla e heterogênea que, muitas vezes, já não descreve com clareza o fenômeno a que se refere.

Nas últimas duas décadas, a educação bilíngue no Brasil deu passos significativos. Inicialmente marcada pela imitação de modelos estrangeiros, muitas vezes importados de forma acrítica, foi se transformando em um campo de tentativas de adaptação às condições locais. Houve iniciativas que se limitaram à extensão da carga horária de língua estrangeira, bem como experiências que misturaram erros e acertos em busca de formatos viáveis. Nesse percurso, destacam-se também as contribuições de pesquisadores brasileiros que se debruçaram sobre o tema, trazendo análises críticas, fundamentação teórica e parâmetros de qualidade.

Esse processo, no entanto, revelou uma dificuldade central: o termo *educação bilíngue* passou a abarcar uma variedade de interpretações tão ampla que se tornou, em muitos contextos, um rótulo impreciso. Em alguns casos, refere-se a programas consistentes de ensino em duas línguas; em outros, a cursos de idiomas reforçados no contraturno; em outros ainda, a experiências fragmentadas que pouco dialogam com o que a literatura internacional define como bilinguismo educacional. Esse esvaziamento conceitual explica boa parte da confusão que ainda marca o debate nacional.

É justamente aqui que a obra *Fundamentos da Escolarização Bilíngue* traz uma contribuição decisiva: a introdução do termo **escolarização bilíngue**. Com ele, as autoras não apenas oferecem maior precisão terminológica, mas também delimitam um campo

de análise que vai além do ensino de línguas, enfatizando a integração curricular e a formação ampla do aluno em duas línguas de instrução. A pergunta central hoje não é se a escolarização bilíngue é válida ou não – essa já é uma discussão superada. O ponto crucial é como defini-la com rigor, como diferenciá-la de iniciativas meramente nominais e como construir parâmetros de qualidade que possam orientar tanto o setor privado quanto as políticas públicas. É nesse espaço de incerteza, mas também de possibilidades, que este livro se insere.

Como um bom gerativista, não posso deixar de sugerir que essa escolha terminológica também dialoga com perspectivas da teoria gerativa no campo da aquisição de linguagem. Chomsky¹, ao propor a distinção entre gramática nuclear e periferia marcada, destacou que certos aspectos da língua não derivam apenas da fixação de parâmetros universais, mas dependem de evidências frágeis, convenções sociais, instrução explícita e ensino formal. É justamente nesse espaço da periferia que podemos situar a escolarização: um processo que fornece ao aprendiz um input qualitativamente distinto daquele que sustenta a aquisição natural, funcionando como motor de formalização e expansão da competência linguística. A escolarização constitui, assim, um espaço de sistematização que organiza o acesso a novos dados linguísticos, amplia o repertório do indivíduo e lhe permite refinar sua gramática para além do núcleo adquirido na infância. Nesse sentido, o conceito de escolarização bilíngue, tal como elaborado por Brentano e Finger, sintoniza-se com essa visão: trata-se de compreender que o desenvolvimento e a expansão do conhecimento, quando organizados no contexto escolar, podem — e, no caso do bilinguismo, devem — ocorrer em duas línguas de instrução. Essa é a força desta obra: ao introduzir o termo, as autoras oferecem não apenas maior precisão conceitual, mas também um enquadramento que reconhece a escolarização como motor do desenvolvimento linguístico, formativo e cognitivo, diferenciando-a claramente de ensino de idiomas.

Não se pode ignorar, entretanto, que a expansão da escolarização bilíngue no Brasil também carrega uma dimensão social e política de grande impacto. Se, por um lado, a procura crescente reflete o desejo legítimo de famílias por oportunidades ampliadas de formação, por outro, a desigualdade de acesso gera uma assimetria preocupante: enquanto algumas escolas se organizam para oferecer programas consistentes, grande parte da população permanece excluída dessa possibilidade. Soma-se a isso o fato de que o prestígio associado à oferta bilíngue, muitas vezes, converte-se em estratégia de mercado, obscurecendo a necessidade de concebê-la como um direito educacional e não apenas como um produto. Esse tensionamento entre mercado e direito, entre privilégio e democratização, compõe o pano de fundo em que este livro se insere, oferecendo ao debate não apenas categorias analíticas consistentes, mas também parâmetros que podem contribuir para a construção de políticas públicas mais claras, justas e equitativas.

As autoras deste livro, **Luciana Brentano** e **Ingrid Finger**, têm uma trajetória que merece destaque no campo da educação bilíngue no Brasil. Suas formações combinam uma sólida base acadêmica com uma atuação concreta em escolas, consultorias e programas de formação de professores. Não escrevem apenas como pesquisadoras, mas também como profissionais que lidam cotidianamente com os dilemas da implementação de programas bilíngues, seja no âmbito da formação docente, seja na análise crítica de

¹ Refiro-me aqui a *Lectures on Government and Binding* (Chomsky, 1981).

políticas e práticas escolares. Esse duplo olhar – que parte da teoria e retorna à prática – é um dos pontos que tornam a obra especialmente valiosa.

Luciana Brentano, por sua vez, tem realizado um trabalho igualmente significativo na interface entre pesquisa e prática. Doutora em Psicolinguística do Bilinguismo pela UFRGS, com estágio doutoral na Universidade da Califórnia, Irvine, no laboratório coordenado por Judith Kroll, combina experiência acadêmica internacional com atuação direta em escolas brasileiras. Há mais de 17 anos coordena currículos bilíngues em instituições privadas, além de atuar em programas de pós-graduação em Educação Bilíngue e Cognição e em Neurocognição e Aprendizagem. Sua ampla atividade em formação de professores, palestras e consultorias em diferentes regiões do país a coloca em posição privilegiada para dialogar com as demandas concretas da escola e da sala de aula. Essa experiência confere ao livro uma dimensão prática essencial, que se soma à densidade teórica, ampliando seu alcance para além do meio estritamente acadêmico.

Ingrid Finger se consolida como uma referência acadêmica incontornável no campo, especialmente pela produção consistente e pelo papel de formadora de pesquisadores que hoje atuam em diferentes regiões do país. Professora Titular da UFRGS, com atuação no Programa de Pós-Graduação em Letras, realizou estágios de pesquisa em instituições de prestígio internacional, como a City University of New York, a Georgetown University e a University of California, Irvine. Sua liderança acadêmica se expressa também na coordenação do Laboratório de Bilinguismo e Cognição (LABICO), ativo desde 2006, e em sua participação na Rede Nacional de Ciência para a Educação. Com investigações que vão do processamento da linguagem em contextos bilíngues ao desenvolvimento da biliteracia, Ingrid confere ao livro uma base científica sólida, ancorada em pesquisas de ponta e no compromisso com a formação de novas gerações de pesquisadores.

Ao reunir essas duas trajetórias, a obra ganha a força necessária para enfrentar o pano de fundo social e político que marca a expansão da escolarização bilíngue no Brasil. A combinação entre rigor acadêmico e experiência prática permite que Brentano e Finger ofereçam ao debate não apenas categorias analíticas consistentes, mas também parâmetros aplicáveis que respondem às desigualdades de acesso e à mercantilização da oferta, sinalizando caminhos possíveis para políticas públicas mais claras, justas e equitativas.

No cenário da educação bilíngue brasileira, ainda em processo de consolidação no que se refere à produção acadêmica própria, contar com autoras que transitam com naturalidade entre teoria e prática é um diferencial decisivo. De um lado, há a necessidade de um discurso conceitual sólido, capaz de dialogar de forma crítica com referências internacionais como Baker, Wright e García. De outro, impõe-se a urgência de análises que reconheçam a realidade brasileira em suas contradições, limitações e potencialidades. O valor deste livro está justamente em articular essas duas dimensões de maneira rara e consistente, oferecendo ao leitor uma obra que é, ao mesmo tempo, rigorosa em seus fundamentos e profundamente enraizada no contexto nacional.

Aqui está, a meu ver, o grande mérito de *Fundamentos da Escolarização Bilingue*. O livro não se limita a descrever o que existe: ele problematiza, distingue e delimita. Ao mesmo tempo, oferece ferramentas conceituais e práticas que podem orientar gestores, professores e formuladores de políticas públicas. Seu diferencial está em articular com clareza as dimensões pedagógicas e linguísticas, mostrando que uma reflexão séria sobre

escolarização bilíngue não pode prescindir de um olhar para os fenômenos de linguagem que lhe dão sustentação. As autoras conseguem transformar discussões de alta densidade teórica em referenciais aplicáveis ao cotidiano da escola, conectando os resultados de pesquisa em linguística e psicolinguística às demandas concretas do ensino em sala de aula.

Essa articulação entre teoria e prática não aparece apenas no discurso, mas também na forma como o livro foi construído. A organização dos capítulos reflete um movimento progressivo: parte da revisão de experiências e tipologias internacionais, passa pela análise da realidade brasileira, examina os arranjos pedagógicos e os programas autodeclarados bilíngues, e culmina em uma proposta de *framework* analítico original. Essa progressão confere ao leitor não apenas clareza expositiva, mas também a sensação de estar acompanhado em um percurso de crescente aprofundamento conceitual e prático.

Logo no **Capítulo 1**, ao apresentar o panorama internacional, o texto deixa claro que a educação bilíngue não é novidade. O retorno a experiências históricas, como a escola Coral Way em 1963, demonstra que já havia, há muitas décadas, preocupação com formas de organizar o ensino em duas línguas. Mas o mérito maior está em mostrar que as tipologias clássicas, como as de Baker & Wright (2017), embora úteis, não dão conta de capturar a fluidez das práticas atuais. Ao mobilizar García (2009) e a noção de dinamismo, as autoras situam o leitor em debates de ponta.

O **Capítulo 2** cumpre papel decisivo ao trazer o cenário brasileiro. É aqui que o livro assume sua identidade mais forte: não se trata de importar conceitos, mas de aplicá-los criticamente à nossa realidade. O exame das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Plurilíngue (2020), ainda não homologadas, é exemplar. Trata-se de um documento que já influencia práticas, mas que precisa ser analisado com cuidado. O texto também é preciso ao questionar o uso indiscriminado do termo “currículo bilíngue”, lembrando que apenas a presença da língua adicional como meio de instrução de conteúdos permite falar em escolarização bilíngue. Esse tipo de precisão terminológica é raro em debates públicos e, por isso mesmo, necessário.

O **Capítulo 3** mergulha nos arranjos pedagógicos. A análise dos currículos do *International Baccalaureate* e da *Cambridge International Education* mostra não apenas familiaridade com documentos internacionais, mas também um olhar crítico para o modo como muitas escolas brasileiras os adotam superficialmente. Essa é uma das partes em que a experiência prática das autoras fica mais evidente: a crítica não vem de longe, mas de quem observa diretamente as tensões da implementação. A discussão sobre formação docente e avaliação bilíngue complementa essa seção com densidade.

O **Capítulo 4** é talvez o mais contundente em termos de diagnóstico. Ao analisar a realidade dos programas autodeclarados bilíngues no Brasil, as autoras apontam o abismo entre marketing e consistência pedagógica. A menção a dados recentes (Brentano, 2023) dá atualidade ao argumento, mas a força maior está em mostrar que não basta proclamar-se “bilíngue”: é preciso oferecer integração curricular e consistência formativa. Além disso, o capítulo localiza os modelos hoje em uso no país e, a partir da noção de escolarização bilíngue desenvolvida ao longo da obra, esclarece o lugar que cada um ocupa, distinguindo quais propostas efetivamente se configuram como bilíngues e quais permanecem próximas do ensino de idiomas, em sentido estrito. Ainda assim, o texto não

se limita à crítica: reconhece e valoriza boas práticas no setor público, sinalizando que há caminhos possíveis.

Finalmente, o **Capítulo 5** apresenta a proposta de *framework*. Aqui o livro cumpre a promessa de ser não apenas diagnóstico, mas também contribuição propositiva. O *framework*, organizado em dimensões como finalidade, arranjo curricular, carga horária, formação docente, avaliação e políticas institucionais, oferece ao leitor uma ferramenta analítica poderosa. Não é uma tipologia rígida, mas um instrumento flexível, capaz de se adaptar a diferentes contextos. O embasamento na Psicolinguística do Bilinguismo dá densidade teórica ao modelo, mostrando que não se trata apenas de uma proposta normativa, mas de uma reflexão fundamentada em como o bilinguismo é processado e vivido por sujeitos. Ao mesmo tempo, o *framework* representa uma resposta direta ao mapeamento crítico realizado no capítulo anterior, oferecendo parâmetros para compreender os modelos em circulação e orientar práticas mais consistentes. Além disso, embora não tenha caráter normativo, constitui uma excelente opção de orientação para escolas que muitas vezes se veem perdidas em terminologias e possibilidades, sem clareza sobre como se direcionar. A obra, nesse ponto, se destaca por trazer informações e orientações de forma clara e exemplificada, baseadas em critérios sólidos e não em imposições. Ao final, entrega aquilo que se espera de um trabalho de referência: uma visão ampla, crítica e fundamentada, acompanhada de uma proposta original que poderá orientar debates futuros.

Ao apresentar esse percurso, o livro demonstra não apenas rigor conceitual e densidade analítica, mas também uma preocupação concreta com os efeitos sociais e políticos da expansão da escolarização bilíngue no Brasil. Cada capítulo, à sua maneira, responde ao desafio de diferenciar propostas consistentes de usos superficiais do termo, oferecendo critérios que permitem qualificar práticas, orientar gestores e iluminar políticas públicas. Dessa forma, a obra transcende a dimensão acadêmica: afirma-se também como intervenção necessária em um debate marcado por desigualdades de acesso e pela mercantilização da oferta, apontando caminhos para uma escolarização bilíngue que seja, ao mesmo tempo, sólida em seus fundamentos e justa em sua implementação.

Sem necessidade de retomar novamente cada capítulo em detalhe, vale sublinhar que a obra se distingue pela coerência de sua organização. Do panorama internacional à proposta de *framework* condizente com nosso contexto brasileiro, há um percurso claro e progressivo: cada capítulo prepara o terreno para o seguinte, evitando sobreposições desnecessárias. Essa estrutura em camadas permite que o leitor acompanhe não apenas a descrição do estado da arte, mas também a construção de um raciocínio consistente que culmina em uma proposta inovadora.

Escrevo este prefácio também a partir de minha própria trajetória como pesquisador da área e como alguém que compartilha com as autoras a preocupação com a seriedade dos debates sobre escolarização bilíngue no Brasil. Tenho acompanhado o crescimento do tema em diferentes frentes: na pesquisa acadêmica, em consultorias para redes de ensino e no diálogo com órgãos governamentais, e sei o quanto é desafiador separar discurso publicitário de propostas genuinamente pedagógicas. Embora exista o documento de 2020 sobre educação bilíngue, ele ainda não foi homologado, e não sabemos quando ou se o será. A ausência de uma regulamentação clara tem sido, em grande medida, responsável pela proliferação de programas que se autodenominam bilíngues sem orientações consistentes, o que resulta em práticas confusas e sem parâmetros sólidos.

É justamente nesse cenário que este livro se mostra particularmente relevante. Sua importância reside não apenas em oferecer parâmetros claros, mas também em articular de forma equilibrada as dimensões linguística e pedagógica, reconhecendo que ambas são fundamentais e complementares. A obra encara com seriedade a necessidade de integrar essas duas esferas, evitando a dicotomia persistente que pouco contribui para o desenvolvimento do campo. Ao articular os resultados da pesquisa linguística com as exigências concretas do cotidiano escolar, Brentano e Finger ajudam a superar impasses que historicamente fragmentaram a área e oferecem um caminho sólido para sua consolidação.

Por isso, esta obra cumpre um papel que os poderes públicos ainda não assumiram plenamente: oferecer caminhos claros e fundamentados diante da inércia das instâncias responsáveis por regulamentar a área. Ao fazê-lo, não cai em simplificações nem se perde em abstrações excessivas. Mantém um equilíbrio preciso entre teoria e prática, entre crítica e proposta. Ao ler estas páginas, percebi que o livro cumpre aquilo que sempre esperamos da boa pesquisa em educação: iluminar o real com categorias analíticas consistentes, valorizando tanto a dimensão linguística, como área de conhecimento que fundamenta a discussão, quanto a dimensão pedagógica, que traduz esse conhecimento em práticas concretas e eficazes, sempre amparadas por evidências. Ao mesmo tempo, oferece parâmetros que orientam a ação de gestores, diretores e professores com clareza e fundamentação, mas sem caráter impositivo.

É com entusiasmo que recomendo a leitura desta obra. *Fundamentos da Escolarização Bilingue* não é apenas um livro útil para especialistas da área, mas um texto que dialoga de forma direta com gestores escolares, professores e formuladores de políticas. Mostra que a escolarização bilíngue pode ser concebida com rigor conceitual e consistência prática, demonstrando que é possível avançar para além de discursos superficiais e construir critérios sólidos de análise e ação.

Tenho convicção de que este livro se tornará uma referência indispensável. Convido o leitor a percorrer suas páginas com a mesma expectativa positiva com que eu as li: a de encontrar aqui uma contribuição sólida, original e necessária para compreender e qualificar a escolarização bilíngue no Brasil. Trata-se de uma obra que ilumina, orienta e inspira, cumprindo plenamente o papel de um marco para o campo.

Marcello Marcelino